



AS COMPLEXAS CAMADAS DO TEMPO HISTÓRICO DE KOSELLECK

THE COMPLEX LAYERS OF HISTORICAL TIME OF KOSELLECK

Luciana Angelice Biffi*

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

luciana.a.biffi@gmail.com

Como o historiador pode refletir sob o tempo histórico, é uma questão curiosa, e que perpassa algumas produções de Reinhart Koselleck (1923-2006). Durante sua jornada acadêmica, ele foi professor nas universidades de Bochum, Heidelberg e Bielefeld, destacando-se como um dos principais teóricos da vertente historiográfica denominada de “história dos conceitos” (*Begriffsgeschichte*). No decorrer de sua trajetória, outros campos temáticos surgiram como suas inúmeras reflexões sobre o século XVIII e também com questionamentos contundentes sobre seu presente, Alemanha do pós-guerra.

Ao realizar a leitura das obras de Koselleck, nota-se em sua bibliografia, uma ampla constituição de repertório. A seleção de seu *corpus documental* conflui de maneira erudita e coerente com textos de origem filosófica, política e teológica, juntamente com outras referências de seu tempo. E é essa capacidade de articulação que o historiador tem de conectar filósofos, historiadores, sociólogos, como por exemplo: Koselleck traz citações desde Políbio, Tucídides, Heródoto à Kant, Ranke, Droysen,

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia na linha de pesquisa ‘Linguagens, Estética e Hermenêutica’ e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura.

Entretanto, o diálogo com Heidegger e Gadamer que salta aos olhos em “**Estratos do Tempo**: estudos sobre a história”.¹

Antes de adentrarmos na obra, é interessante pensarmos, mesmo que panoramicamente, sobre as produções deste historiador. O primeiro contato com a escrita deste autor é um texto de uma palestra “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”² traduzido por Manuel Salgado Guimarães, e em seguida, lança o livro “*O Conceito de História*”³ escrito com outros autores. Ambos com o tema da “história dos conceitos” no espaço cultural alemão. De maneira sucinta, a história dos conceitos mostra como algumas palavras ou termos estão carregados de significado, envolta pela cultura e por isso a mesma palavra é associada a diferentes significados. Assim, as mesmas editoras em 1999 publicaram sua tese, com o título “*Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*”.⁴

Contudo, é a partir de 2006, com o livro “Futuro e Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos”⁵ que as pesquisas do historiador se difundiram no ambiente acadêmico brasileiro. É aqui que seus conceitos fundamentais de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” se consolidam, chamando atenção para outras obras citadas.

O livro *Estratos do Tempo*⁶, último texto do historiador Koselleck, foi publicada pela primeira vez no ano 2000 em alemão. Entretanto, esta obra só foi traduzida e publicada no Brasil em 2014, pelas editoras Contraponto e PUC-Rio. O longo intervalo de quatorze anos não é só um problema editorial, que por vez nsos deixa um pouco distante dos diálogos travados no momento da escrita. Mas também nos mostra como ainda os principais diálogos da historiografia brasileira estão relacionados

¹ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

² KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

³ KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de História**. Belo Horizonte. Autentica. 2013.

⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise** uma contribuição a patogênese do mundo burguês. Contraponto, 1999.

⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

a produção francesa, inglesa e norte americana, tendo pouca familiaridade com outras historiografias, como por exemplo a de Koselleck, alemã.

Este último, é um “agrupamento” de dezoito textos, entre ensaios, palestras e outros estudos do autor, datados entre os anos de 1970 a 1990. A divisão por blocos, com títulos descritivos, por exemplo: “Mudança de experiência e mudança de método. Um esboço histórico-antropológico”, ou perguntas como “Existe uma aceleração da história?”, o que pode dificultar a percepção do fio condutor do livro. Entretanto, o que os conecta é sua preocupação em problematizar as operações e as experiências do tempo. Porém, Koselleck faz as problematizações a partir de obras filosóficas que dialogam com fatos, acontecimentos e períodos históricos do que com a produção dos historiadores. Apesar do principal diálogo não ser com textos historiográficos voltados para o tema, é uma obra relevante para historiografia.

Logo na introdução, o autor atenta para o fato de falar sobre tempo utilizando metáforas, pois é uma figura de linguagem capaz de representar o tempo em movimento, ou seja, perceber o tempo histórico como linguagem. Sendo assim, as metáforas tempo/espaço é a forma mais nítida de expressar as experiências do tempo, já que o tempo se desenrola em um espaço.

O termo “estrato” é retirado da geologia e dos estudos naturais, é coerente com a abordagem feita durante todo o livro, já que ele defende a percepção conjunta de várias camadas temporais que não se opõe, mas que suportam e coexistem. Desta forma, os “estratos do tempo” são identificados a partir das metáforas e permitem refletir sobre as diversas camadas nessas várias temporalidades que formam a experiência humana.

A primeira parte do livro, intitulada *Sobre a antropologia de experiências históricas do tempo*, requer um pouco mais de atenção aos conceitos aqui tratados, já que é nessa parte que está a questão chave dessa obra, uma teoria da história ou uma forma de pensar o tempo refletindo sobre a história a partir das leituras de “Ser e Tempo”, por isso a utilização do termo *Dasein*⁷ com muita frequência nesta parte da obra, e de Hans Gadamer “Verdade e Método”, que tem um espaço fundamental dentro

⁷ Termo que Heidegger usa em *Ser e Tempo* (1927), obra para referir-se ao humano enquanto “ser-ai” ou “ser-ai-no-mundo”, sendo um conceito filosófico muito refinado como sinônimo de existência ou seja, o homem enquanto ente que existe no mundo e para tal, possui consciência do tempo.

da obra. Aqui as várias camadas do tempo são o objeto e é também nesta parte, que o autor retoma sua noção de o que é história e a função do historiador.

História sempre tem a ver com tempo e existem durações diferentes que atuam simultaneamente. Nele as pessoas se movimentam, acontecimentos se desenrolam e os pressupostos sobre a duração são investigados pelo historiador. Para ele, o tempo histórico é carregado de experiências misturadas, como por exemplo as marcas individuais, a que se repete (geracional), comumente chamada de “espírito de uma época” e mudanças de experiências a longo prazo (exemplo, mudanças de sistemas). Entretanto, só são compreendidas pela ciência da história, que é marcada pela reflexão dos relatos. Cabe aqui ressaltar o esforço intelectual do autor em perceber que existem experiências nessas camadas do tempo histórico, de dimensões existenciais e estruturais.

Apesar das histórias individuais, o traço da longa duração de Fernand Braudel⁸ permanece enquanto marca de uma característica antropológica para pensar o tempo enquanto estruturas de duração (curta, média e longa), e repetição que são destacadas na primeira parte do livro. A partir disso, ele debate questões metodológicas sobre como criar enfoques sobre o tempo. Koselleck reconhece a grande contribuição, entretanto, essa ideia de estrutural de Braudel é o que está em questão. Reinhart não descarta nenhuma dessas durações, nem mesmo as estruturais como política e econômica, mas ele redimensiona essas durações levando em consideração a experiência temporal (seja, ela individual ou geracional, como citado anteriormente), ele insere a subjetividade.

Quem fala e de onde fala? Questões fundamentais que um historiador se colocadas diante de um documento. O mesmo serve quando nos deparamos com uma obra como essa. Reinhart, que teve uma formação na área da hermenêutica, cuja influência é seu professor Hans-Georg Gadamer, que além de ser um dos teóricos que colaborou para o desenvolvimento da “história dos conceitos” é com quem ele dialoga em todo o seu livro e dedica uma parte de seu texto sobre teoria da história, linguagem e hermenêutica.

Koselleck cede um espaço e é justamente com um texto de Hans, que ele encerra a primeira parte em “Teoria da história e linguagem. Uma réplica de Hans-Georg Gadamer”.⁹ Nesse texto, Hans começa destacando que a maior peculiaridade do

⁸ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014, p. 12

⁹ Ibid., p. 111

ser humano é a linguagem, que para além da comunicação nos permite pensar. Na experiência da linguagem, Hans nos atenta para a interpretação e para os usos dessa linguagem, que pode ser “tanto maravilhosa, quanto perigosa”.

A linguagem nos possibilita deixar em aberto e por isso pode-se avaliar algo, ponderar uma situação e projetar algo tendo em vista o futuro, por isso ele diz que o homem tem o sentido do tempo. E qual o lugar da hermenêutica na teoria da história?

A linguagem que a hermenêutica considera central não é apenas a dos textos. Ela se refere também à condição fundamental de todas as ações e criações humanas. [...] O que se manifesta na linguagem do homem e torna humanas essas formas não é um dom adicional. Antes, é uma relação fundamentalmente diferente com o tempo e o futuro.¹⁰

Diante disso, perceber o destaque dado pelo autor do texto à Gadamer, perpassa por grande parte da sua obra. A maior influência dele é atribuir o papel da o lugar da interpretação na investigação histórica.

Um breve parêntese para destacar os conceitos emprestados da linguística, “sincrônico” e “diacrônico”, termos utilizados com frequência neste livro. Sincrônico no sentido de que existe ou ocorre ao mesmo tempo, opera com os elementos internos na análise de um texto, não procurando os efeitos fora dele, nem no espaço onde ele circula. Na perspectiva metodológica da análise da língua, é estudar um recorte temporal não levando em conta o processo. O diacrônico é no sentido de ocorrências através do tempo, levam em consideração as mudanças que ocorreram, ou seja, retomam o processo. Contudo, Koselleck une essas duas perspectivas em sua análise, onde elas coexistem, tanto no processo histórico quanto na atividade da escrita da história.

Na segunda parte da obra, *O entrelaçamento e a mudança das três dimensões temporais; a questão que salta aos olhos é ‘existe uma aceleração da história?’* essa ideia, relacionada a modernidade, se dá na intensidade e na quantidade de transformações que interferem na experiência humana. Em suma, não é o tempo que passa mais rápido, porém ocorrem mais mudanças e é a percepção delas que causa a impressão de aceleração.

Mais do que pensar passado/presente/futuro apresentando um tempo estratificado, ele é alguém que se propõe a estudar a contribuição da semântica para a

¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014, p. 116

historiografia, pois sabe que há uma vasta maneira de se falar sobre o passado. Entretanto, a famosa frase “há mais do que passado na história” me faz perceber os diversos estratos, as muitas camadas do tempo.

Um dos traços característico do autor é enxergar a linguagem como um local onde se inscreve o tempo histórico, e para isso é preciso interpretar as construções semânticas. Se em *Futuro Passado* temos a pintura como exemplo de linguagem, em *Estratos do Tempo* Koselleck resalta os depoimentos orais. Assim, as interpretações passam a ser fonte, já que são várias interpretações que uma fonte histórica pode receber ao longo do tempo.

Koselleck deixa claro que a interrelação entre o passado e o futuro se dá a partir do presente. Não é mais uma visão da História Mestra da Vida, no sentido de aprender com o passado já que situações se repetiam, muito menos é a percepção cronológica natural, como era a religiosa. É pensar as relações temporais a partir do nosso lugar no tempo, ou seja, o tempo presente, pois é ele que define o nosso olhar para o passado, passado este ao qual também estamos ligados.

Nesta parte do texto, o principal argumento está na desnaturalização da experiência temporal, é a passagem do tempo da natureza, medido pelos ciclos da natureza (primavera/verão/outono/inverno) e a passagem para o tempo social, do relógio. A marca de contar o tempo nas engrenagens, causa o que ele chama de “mudança moderna, que é provocada pela experiência temporal.”¹¹ é essa sensação de que tudo muda rápido, já que tem unidades de tempo quantificadas e organizadas.

A terceira parte, *Atualidades e estrutura de repetição; que começa, mais uma vez com uma pergunta ‘quão nova é a modernidade?’*, é outra parte do livro que recebe destaque, onde ele amplia a discussão anterior.

As questões em torno da Revolução Francesa (1789) na terceira parte do livro, são para pôr luz nessa nova época, que o autor destaca a importância, pois, a partir disso tem-se o que chamamos de modernidade. Para Koselleck, a Revolução Francesa é o grande marco da modernidade porque a partir dos acontecimentos dessa experiência, percepção do tempo se alterou de tal forma, que o tempo passa a ser objeto de reflexão para outras áreas do conhecimento, produzindo uma inovação conceitual, a filosofia da

¹¹ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014, pg.153

história. Entretanto, a diferença é que a partir deste evento, o ponto de referência temporal é o presente.

É um marco tão forte que influência na linguagem com um novo vocabulário político e social, onde os cidadãos articulam o passado e o futuro a partir do presente. Surge uma nova percepção do tempo presente, que ele chama de “indícios de um “novo tempo” no calendário da Revolução Francesa”.¹²

É também na terceira parte que ele problematiza esse termo de “história do tempo presente”, mais especificamente em “Continuidade e mudança de todas as histórias contemporâneas”.¹³ Aqui, ele mostra que o presente é um tempo de interseção entre o futuro e o passado, é um lugar onde coexistem essas três dimensões temporais.

A partir da pergunta que conduz a terceira parte, podemos colocar o questionamento sobre a tradição e se há, de fato, uma ruptura, principalmente sob o prisma de uma obra como esta, que se propõe a refletir sobre as estratificações do tempo. Ora, o próprio repertório de Reinhart não nos deixa dúvidas deste possível diálogo.

Já na quarta parte do livro *Perspectivas historiográficas sobre os diferentes níveis do tempo* está relacionada à história do tempo presente. Onde o foco é mais prático e centralizado na Alemanha do período da escrita do texto. Apesar dos questionamentos sobre a influência das duas guerras mundiais, a relação entre história, direito e justiça e por fim, a própria condição da Alemanha serem o principal, é justamente aqui que Koselleck nos aponta para um análise dos tempos históricos a partir das fontes:

Todo ato histórico se realiza com base na experiência e na expectativa dos agentes. Proponho, portanto, um par de categorias meta-históricas que estabelece uma condição fundamental de uma história possível. Ambas as categorias são apropriadas para tratar do tempo histórico, pois o passado e o futuro se entrelaçam na presencialidade da experiência e da expectativa. As categorias são capazes de identificar o tempo histórico também no âmbito da pesquisa empírica, pois elas, com um conteúdo enriquecido, orientam as unidades de ações concretas que realizam o movimento social e político.¹⁴

¹² KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014, pg 229

¹³ Ibid.

¹⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014, p. 307

O tempo presente carrega aspectos sincrônicos e diacrônicos. Evidentemente que, não é necessário conhecer outras obras do autor para a realização da leitura deste livro, uma vez que, este, por si só, irá suscitar a procura por outros trabalhos do mesmo. Entretanto, vale ressaltar para quem já leu *Futuro Passado*, além de facilitar o fluir da leitura, terá a possibilidade de verticalizar os conceitos já apresentados.

Como por exemplo, o entendimento dos conceitos “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” que são categorias como condições de possibilidades da história. Pois é nelas que os homens articulam, em cada presente, a dimensão do seu passado (as experiências acumuladas) e a dimensão do futuro, suas expectativas. Isso posto, voltemos a obra.

É compreensível que alguns leitores considerem a obra em questão, um tanto repetitiva. Isso se deve ao caráter fragmentado dos textos e da distância temporal entre a produção de um texto e outro, e que não necessariamente estão agrupados em ordem cronológica de escrita. Outro aspecto é que a leitura fora de ordem dos textos não atrapalha no entendimento geral da obra.

Vale evidenciar que o tradutor do livro é bem generoso com o leitor, tendo em vista que as peculiaridades da língua alemã são bem explicadas e traduzidas e mostrando inclusive possíveis trocadilhos com as palavras na versão original, em notas de roda pé.

Estratos do tempo é uma obra que exige bastante concentração do seu leitor, por ter na sua tessitura uma complexidade que envolve a filosofia de Heidegger e de Gadamer para a formação da própria teoria da história a partir da hermenêutica de Koselleck.

Para além da complexidade do tempo histórico, Koselleck nos chama atenção para perceber que a experiência e a percepção do tempo histórico é algo subjetivo, carregado de sentidos que entrecruzam as três dimensões temporais: passado, presente, futuro. E que o historiador deve estabelecer as condições para evidenciar as possibilidades da história.

RECEBIDO EM: 05/06/2017

APROVADO EM: 14/07/2017